



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG**  
**Coordenadoria Geral de Pesquisa – CGP**  
*Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bloco 06 – Bairro Ininga*  
*Cep: 64049-550 – Teresina-PI – Brasil – Fone (86) 215-5564 – Fone/Fax (86) 215-5560*  
*E-mail: pesquisa@ufpi.br; pesquisa@ufpi.edu.br*

## Resumo Projeto

### **VIOLÊNCIA CONTRA GESTANTES REGISTRADA EM DELEGACIAS ESPECIALIZADAS NO ATENDIMENTO À MULHER DE TERESINA-PI, EM 2008.**

*Ariane Gomes dos Santos (bolsista do ICV, UFPI), Danielle Carvalho Rodrigues (colaboradora, UFPI), Ariel de Sousa Melo (colaborador, UFPI), Inez Sampaio Nery (Orientador, Depto de Enfermagem – UFPI)*

#### INTRODUÇÃO

Dados mundiais revelam que 1 bilhão de mulheres, ou uma em cada três no mundo, já foram espancadas, forçadas a ter relações sexuais ou submetida a algum outro tipo de abuso por parte do companheiro ou ex, de um amigo ou parente (WHO, 2002). Este tipo de violência se manifesta de diferentes formas e nos mais diversos espaços da sociedade, independentemente da classe social, da idade, da raça/etnia, do tipo de cultura ou do grau de desenvolvimento econômico do país.

O ambiente domiciliar é o espaço onde a maior parte das agressões contra a mulher ocorrem. Galvão e Andrade (2004), afirmam que isso acontece graças à cumplicidade e indiferença da sociedade para com a violência que ocorre no interior da família, que muitas vezes, acaba por se constituir em um espaço de arbítrio e de violência. Segundo Audi (2007), a violência doméstica é ainda mais dramática quando cometida contra gestantes.

O levantamento das denúncias de violência perpetrada contra gestantes na capital piauiense é de fundamental importância para o dimensionamento desse fenômeno, além de fornecer dados que podem vir a contribuir para implantação de políticas públicas de intervenção e prevenção do problema. Desta forma, esta pesquisa poderá fornecer subsídios científicos acerca desta temática, fornecendo à sociedade um panorama sobre o tema abordado e legitimando um debate sobre sua ocorrência e importância. Para que assim, esse problema extremamente preocupante venha a ser um alvo de reflexão mais aprofundado tanto por parte das autoridades quanto da sociedade.

#### METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa do tipo análise documental, utilizando-se o estudo retrospectivo, para sustentar a busca de informação em documento e registros de eventos já acontecidos no passado, de forma sistematizada para obtenção de dados fidedignos num período, local e amostra determinada.

O local de estudo foram duas Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher, localizadas na Zona Norte e Centro da cidade de Teresina-PI. A amostra para coleta de dados constituiu-se de 71 boletins de ocorrência (BOs) de denúncias registradas sobre violência contra a gestante que ocorreram no ano de 2008.

O instrumento de coleta de dados foi um formulário semi-estruturado, aplicado por meio da busca dos registros de ocorrência realizados em 2008. A coleta de dados foi iniciada somente após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI sob CAAE nº 0241.0.045.000-09 e autorização das delegacias onde foi realizada a pesquisa. A análise de dados, foi apresentada na forma de tabelas, utilizando-se para quantificar os dados o Microsoft Office Excel 2007.

## RESULTADOS

**Tabela 1** - Distribuição por ocupação/profissão das mulheres agredidas. Teresina, PI, Brasil, 2010 (n=71).

Ocupação/profissão	N	%
Estudante	14	19,7
Trabalho remunerado	14	19,7
Do lar	30	42,3
Não informou	13	18,3
Total	71	100,0

A tabela 1 demonstra que a maior parte das grávidas agredidas exerciam atividades domésticas, sendo as agressões sofridas em sua grande maioria pelas profissionais do lar, representando 42,3% do total de mulheres. As estudantes e as que trabalhavam fora de casa representam cada grupo, 19,7% do total.

**Tabela 2** - Distribuição por idade das mulheres agredidas. Teresina, PI, Brasil, 2010 (n=71).

Idade	N	%
17 a 21 anos	13	18,3
22 a 26 anos	22	31,0
27 a 31 anos	11	15,5
32 a 36 anos	10	14,1
Não informou	15	21,1
Total	71	100,0

Dos 71 BOs pesquisados nas duas delegacias em questão, a faixa etária prevalente de mulheres agredidas foi entre 22 e 26 anos correspondendo a 31,0% do total de casos. Notou-se, ainda, que as faixas etárias de 17 a 21 anos, 27 a 31 anos e 32 a 36 anos também representaram um

percentual considerável correspondendo respectivamente a 18,3%, 15,5%, 14,1%. Como pôde ser evidenciado na Tabela 2.

**Tabela 3** – Distribuição por responsável pela agressão sofrida pelas mulheres. Teresina, PI, Brasil, 2010 (n=71).

Responsável pela agressão	N	%
Marido	13	18,3
Ex-marido	03	4,3
Namorado	01	1,4
Ex-namorado	06	8,4
Companheiro	27	38,0
Ex-companheiro	13	18,3
Parente	01	1,4
Outro	03	4,3
Não informou	04	5,6
Total	71	100,0

De acordo com a tabela 3, o principal responsável pela agressão à gestante é o companheiro representando 38,0% dos agressores. Os ex-companheiros e maridos também atingiram um percentual importante, correspondendo cada um a 18,3% dos casos, os ex-namorados foram responsáveis por 8,4% das agressões.

**Tabela 4** – Distribuição por tipo de agressão sofrida pelas mulheres. Teresina, PI, Brasil, 2010 (n=71).

Tipo de agressão*	N	%
Física	39	32,5
Psicológica	38	31,7
Sexual	—	—
Patrimonial	07	5,8
Moral	36	30,0
Total	120	100,0

\* Uma gestante pode ter sofrido mais de um tipo de agressão.

A leitura da tabela 4 revelou que o principal tipo de agressão sofrida pela gestante é a física com uma percentagem de 32,5% do total, seguida da agressão psicológica com 31,7% dos casos, a moral com 30,0% e a patrimonial com 5,8% das ocorrências.

## DISCUSSÃO

No presente estudo a idade prevalente das gestantes violentadas foi de 22 a 26 anos, o que corresponde a 31,0% dos casos. Resultado este semelhante ao encontrado por Audi *et al* (2008) o qual mostrou que a média de idade das gestantes agredidas em sua pesquisa foi de 23,8 anos.

A maior parte das grávidas agredidas, desta pesquisa, exerciam atividades domésticas, sendo as agressões sofridas em sua grande maioria pelas profissionais do lar, representando 42,3% do total de mulheres. Essa classe pode ter sobressaído-se por ser uma população de mulheres de baixa

escolaridade, ou seja, possuem uma baixa instrução. Além disso, são subordinadas ao cônjuge que muitas vezes trabalha fora de casa.

Isso pode ser comprovado em estudo realizado por Moural (2009), o qual afirma que quanto às variáveis que expressam relações de gênero, 45% das participantes afirmaram que as esposas devem obedecer a seus maridos mesmo sem concordar com eles. No entanto, 96% delas discordaram que a desobediência seja uma razão válida para os companheiros praticarem violência contra elas.

No estudo de Labronice *et al* (2010) a violência física predominou em 30% das empregadas domésticas, que foram vítimas de seus companheiros, em seus lares. Em pesquisa apresentada por Galvão e Andrade (2004), com relação ao ambiente em que ocorreu a violência, quase a totalidade dos casos (97,4%) ocorreu no ambiente doméstico.

A presente pesquisa mostrou o principal responsável pela agressão à gestante como sendo o companheiro, representado por 38,0% dos casos. Os ex-companheiros e maridos também atingiram um grande percentual correspondendo cada um a 18,3% dos casos.

Em revisão da literatura observou-se que a violência doméstica praticada por maridos ou companheiros apresenta grande incidência. Nestes casos, os episódios de agressão costumam ser repetitivos, o que implica maior impacto à saúde das mulheres (DREZETT, 2007).

As diversas formas de violência que acometem a gestante no seu cotidiano repercutem de maneira significativa na sua saúde física, mental e na sua vida social. Para minimizar seus seqüentes agravos, é preciso um olhar criterioso e profundo direcionado para a atenção à saúde com uma abordagem integralizada, individual e contextualizada.

## CONCLUSÃO

A violência contra a mulher trata-se de um agravante presente de forma contínua na atualidade. Essa selvageria do sexo masculino contra o feminino torna-se ainda mais preocupante quando a vítima está grávida, período este em que a mulher precisaria de um maior apoio da família, em especial do parceiro, pois se prepara para trazer ao mundo uma nova vida.

Seria importante que os serviços de saúde da família realizassem discussões em equipes multiprofissionais, a fim de arraigar o tema entre a sociedade e propiciar maior sensibilização dos profissionais diante dos casos de violência. Fazendo desta forma, com que a sociedade se indigna e dê apoio à pessoa agredida, já que, sozinha, não possui ferramentas capazes de acabar com essa realidade para vencer o medo e denunciar situações de violência.

## REFERÊNCIAS

AUDI, C.A.F. Nem gestantes são poupadas da violência doméstica. **Jornal da UNICAMP**. 2007. Disponível em: <<http://www.unicamp.br>>. Acessado em 27/05/2009.

AUDI, C.A.F; et AL. Violência doméstica na gravidez: prevalência e fatores associados. **Rev Saúde Pública**. São Paulo. v.42, n.5, jul. 2008.

DREZETT, Jefferson. Violência sexual como problema de saúde pública. In: TAQUETTE, Stella R. **Violência contra a mulher adolescente/jovem**. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. p.73-80.

GALVÃO, E.F; ANDRADE, S.M. Violência contra a mulher: análise de casos atendidos em serviço de atenção à mulher em município do sul do Brasil. **Saúde e sociedade**, São Paulo: v.13 n.12, mai./ago.2004. Disponível em :[www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 24 mai. 2009.

LABRONICE, L.M; *et al.* Perfil da violência contra mulheres atendidas na pousada de Maria. **Rev Esc Enferm USP**. v. 44, n. 1, p. 126-33. 2010

MOURAL, L.B.A; GANDOLFI, L; VASCONCELOS, A.M.N; PRATESI, R. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. **Rev Saúde Pública**. v. 43, n.6, p. 944-53.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Sexual violence facts**. 2002. Disponível em: [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/global\\_campaign/en/sexualviolencefact.pdf](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/global_campaign/en/sexualviolencefact.pdf). Acesso em 24mai. 2009.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Gestantes. Enfermagem.